

Textos spimes: criando novas trilhas no percurso da linguística textual

Spimes texts: creating new trails in the route of textual linguistics

Giselda dos Santos Costa

Instituto Federal Tecnológico do Piauí – Teresinha – Piauí – Brasil



Resumo: As investigações sobre o ‘texto’ e seu conceito têm levado a inúmeras discussões nos meios acadêmicos, tornando-se um tema complexo e não consensual entre os especialistas da área, principalmente com a chegada dos textos tecnológicos. O objetivo deste artigo é discutir o que o avanço tecnológico reserva para o campo da Linguística Textual com a emergência dos textos *spimes* (JOHNSON-EILOLA, 2010). Tecnicamente, *spimes* – um neologismo do autor, começam e terminam como dados. São sustentáveis, aprimoráveis, com identidade única e feitos de substâncias que podem ser retornadas à cadeia de produção de outros futuros *spimes*. No contexto de funcionalidade do texto *spime*, homem e máquina podem ser compreendidos como seres agentivos.

Palavras-chave: Linguística textual; Agência; Textos *spimes*; Tecnologia

Abstract: The investigations on the ‘text’ and its concept have influenced countless discussions in the academic surroundings, becoming a complex theme and no consensual among the experts of this field, mainly with the appearing of the technological texts. The aim of this article is to discuss what the technological advance reserves for the field of the Textual Linguistics with the emergency of the texts as *spimes* (JOHNSON-EILOLA, 2010). Technically, *spimes* – a neologism of the author, begins and finishes as data. *Spimes* are maintainable, refined, with a single identity and made of substances that can be returned to the chain of production of other futures *spimes*. In the context of functionality of the text, *spime*, man and machine can be understood as agentive beings.

Keywords: Textual linguistics; Agency; *Spimes* texts; Technology

1 Uma breve apresentação

As questões relacionadas ao texto foram se ampliando e ganhando destaque na Linguística Moderna, que desenvolveu áreas específicas na tentativa de tratar, de maneira mais particular, o texto e seus processos de produção. Entre essas áreas de pesquisa que têm se desenvolvido muito nas últimas décadas, merece destaque a Linguística Textual (LT).

Segundo Mussalim e Bentes (2001: 16), a LT tem como principal interesse o estudo dos processos de produção, recepção e interpretação dos textos, a partir da reintegração do sujeito e da situação de comunicação em seu escopo teórico e multidisciplinar.

Como afirma Koch (2004: 157), o caráter multidisciplinar da Linguística Textual permite seu diálogo com outras ciências para além das Ciências Humanas que tem o sujeito como foco central de observação tais como: a

Filosofia da Linguagem, a Psicologia Cognitiva e Social, a Sociologia Interpretativa, a Antropologia, a Teoria da Comunicação, a Literatura, a Etnometodologia, a Etnografia da Fala e, mais recentemente, a Neurologia, a Neuropsicologia, as Ciências da Cognição, a Ciência da Computação e, por fim, com a Teoria da Evolução Cultural.

Motivado por esse espírito de integração, o presente ensaio foi construído em três momentos: no primeiro momento, apresentaremos os avanços da Linguística Textual, seguindo um estilo *bricolage* a partir do exame das etapas da evolução dos estudos do texto (análises transfrásticas, gramáticas textuais, linguística textual). Em seguida, serão apresentadas diversas acepções de texto, concebidas sob diferentes abordagens teóricas. No segundo momento, instigaremos uma reflexão sobre o conceito de agência retórica, dialogando com vários estudiosos da linguagem com ênfase nos estudos de Miller

(2009). Por fim, no terceiro momento, visualizaremos o que o avanço tecnológico reserva para o campo da Linguística Textual com a emergência dos textos *spimes*. Nesta parte, abordaremos os estudos de Johnson-Eilola (2010), apoiado em seu mais recente ensaio, intitulado “Entre Textos”.

2 A emergência da Linguística Textual

A Linguística Textual, segundo Fávero e Koch (2008), surgiu na Europa como um novo ramo da linguística, que tomou como unidade básica de estudo não mais a palavra ou a frase, mas o texto, considerado a forma específica de manifestação da linguagem. Bentes (2001) afirma que o texto, para tornar-se objeto de análise nos estudos da linguagem, teve um longo percurso até que este ocupasse um lugar significativo nessas investigações. A autora destaca o esforço de estudiosos em ultrapassar os limites da frase, colocando sujeito e situação de comunicação no centro dos estudos linguísticos, contrapondo os postulados da Linguística de Texto aos da Linguística Estrutural.

Marcuschi (2008, 2009), Fávero e Koch (2008), Koch (2004), Bentes (2001), Bentes e Rezende (2008), com base em Conte (1977), destacam três momentos¹ da passagem da frase para a teoria de texto, cada uma com uma noção diferente de texto: as análises transfrásticas, as gramáticas de texto e a linguística textual.

O primeiro corresponde à análise transfrástica, em que se examinam as relações interfrásticas, tendo como preocupação básica a passagem da gramática de frase à gramática de texto (MARCUSCHI, 2009). Nesta fase, as orientações ora estruturalistas ou gerativistas, ora funcionalistas, voltavam-se para fenômenos sintático-semânticos e para as relações entre enunciados ou sequências sem considerar o texto objeto de análise, destacando-se Hartmann (1968), Harweg (1968) e Isenberg (1971).

O interesse inicial da Linguística Textual, centrava-se nas relações referenciais, sobretudo na correferenciação entre dois ou mais elementos. Os conceitos de coesão e coerência ganharam destaque, sendo considerados os elementos essenciais para a distinção de um texto de um não-texto. Marcuschi (2009) afirma que Harris (1969[1952]) não define explicitamente o texto, mas supõe ser formado por uma sequência de expressões ou sentenças conectadas, constituindo-se de uma palavra ou vários volumes de uma obra, enfatizando a linguagem em uso como fonte de observação. Analisando a definição de Harweg (1968): “uma sucessão de unidades linguísticas constituída por uma cadeia pronominal ininterrupta”,

¹ Em linhas gerais, consideram-se as fases da Linguística Textual como não cronológicas, mas, ainda que de forma sutil, observa-se, sim, uma cronologia entre as mesmas (HEINE, 2008).

Marcuschi (p. 24) diz que, para aquele autor alemão, o texto se caracteriza por retomadas e referências de formas pronominais de elementos do texto, e sucessão de palavras formando sentenças, que constituem textos.

Como diz Bentes (2001:244), no conceito de Hjelmslev ([1943]1975): “qualquer manifestação verbal empírica com certa regularidade organizacional e combinatória dos elementos em uso”, não se vê diretamente uma definição do texto como unidade linguística, apesar deste entender a linguagem como um todo a partir da relação texto x língua. Para ele, qualquer ato de linguagem, incluindo textos empíricos e diferentes gêneros textuais, é um texto e, como suas partes, ele só existe em função dos relacionamentos ou dependências mútuas entre estas.

Weinrich (1976 apud MARCUSCHI, 2009:25), define o texto como “uma sequência ordenada de signos linguísticos entre duas interrupções comunicativas importantes” isto é, uma sequência linear de lexemas e morfemas que reciprocamente constituem o contexto. Marcuschi (2009) enfatiza que um dos problemas dessa definição se relaciona com a delimitação do texto.

Então, tanto a correferência como a conexão entre os enunciados, a pronominalização e outros fenômenos que as teorias sintáticas e/ou semânticas não explicavam ao nível da frase, mas só do texto ou do contexto situacional, levaram à construção de outra linha de pesquisa que não considerasse o texto como a soma ou a lista dos significados das frases.

Assim, no segundo momento, conforme Bentes (2008), estudiosos como Lang (1971, 1972), Dressler (1972, 1977), Dijk (1973) e Petöfi (1976) propuseram as gramáticas textuais. Este segundo momento foi um período de reflexão cujo objetivo principal consistia em elaborar regras gramaticais que dessem conta de todo e qualquer texto. Na verdade, os seus pesquisadores procuraram construir gramáticas textuais através de categorias, centradas em regras de combinação voltadas à construção da entidade texto. Assemelham-se, dessa forma, aos gerativistas que propuseram a elaboração de frases, consoante as chamadas regras sintagmáticas. Nessa linha, o texto era tomado como uma unidade linguística hierarquicamente mais elevada. A análise era do texto para seus constituintes, a fim de determinar as estruturas textuais, por meio de regras.

Nessas duas primeiras fases da Linguística Textual, o texto, de um modo geral, foi considerado simplesmente como a unidade linguística mais alta, superior à frase (KOCH, 2004), apenas um mero produto de codificação, com um foco de análise nos aspectos formais. Este conceito de texto alicerça-se “na concepção de língua, vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de

transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor” (TRAVAGLIA 2001:21) e que, por outro lado, correspondia à concepção de sujeito assujeitado, ao sistema linguístico; um sujeito preso e limitado ao código linguístico (KOCH e ELIAS 2006: 108).

O terceiro momento refere-se à construção das teorias textuais, fase em que o contexto pragmático ganhou relevância. Conforme Koch (2004), nesta fase, a visão de língua não se vinculava mais a um sistema autônomo, mas, do ponto de vista do funcionamento dos processos comunicativos de uma sociedade concreta, os textos deixavam de ser vistos como produto para serem vistos como elementos constitutivos de uma atividade complexa, que realizam as intenções comunicativas e sociais do falante. Nessa visão de natureza notadamente pragmática, Koch enfatiza a contribuição de Schmidt (1973): texto é “todo componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um ‘jogo de atuação comunicativa’, caracterizada por uma orientação temática e cumprindo uma função comunicativa identificável” (2004:15). Só ocorre um processo textual coerente quando o locutor realiza, intencionalmente, uma função ilocutória compreendida pelos parceiros do ato comunicativo. Neste sentido, o uso é determinante.

Nessa mesma perspectiva, Halliday e Hasan (1973, apud FÁVERO e KOCH, 2008: 39) definiam texto como uma “realização verbal, entendida como uma organização de sentido, que tem o valor de uma mensagem completa e válida num contexto dado”. Assim, este passa a assumir uma unidade da língua em uso, cujo valor se prende ao significado e não à forma; não é apenas uma sequência de sentenças, porém, é por meio delas que este se realiza. Essas relações de sentido determinam a textualidade.

Como as gramáticas textuais não davam conta de padrões para distinguir textos de não-textos, Beaugrande e Dressler (1981), de acordo com Bentes (2001), propõem a noção teórica de textualidade, derivada da ampliação da relação língua x texto para língua x texto x contexto, garantindo existência ao objeto textual enquanto fenômeno linguístico estruturado e orientado para estabelecer relações de sentido, através de elementos linguísticos e extralinguísticos. Bentes (2001) vê tanto em Schmidt (1973) quanto em Beaugrande e Dressler (1981), a força da Teoria da Atividade Verbal e dos Atos de Fala, pois, pela linguagem, os sujeitos interagem socialmente, atingindo intenções comunicativas.

Ainda nesta tendência, conforme Marcuschi (2008), o texto é tomado não apenas como uma unidade linguística, mas como uma unidade comunicativa, considerando-se o arranjo de sentenças no processo mais amplo de comunicação. Petöfi (1976 apud MARCUSCHI, 2009), também, nessa concepção, considera o texto o resultado da ordenação de elementos linguísticos escritos ou

falados, organizados com base em critérios, geralmente extralinguísticos.

Esse cenário de pesquisa começa a dar sinais de um quarto momento para a Linguística Textual: a fase cognitivista em que o processamento textual se configura como o momento sociocognitivo-interacionista, embora a literatura pertinente ainda não o reconheça efetivamente como uma nova fase da Linguística de Texto.

A Linguística Textual, neste momento, assume nitidamente uma feição interdisciplinar e passa a considerar o texto como resultado do processo de interação de uma rede de elementos sociais, cognitivos e linguísticos. E nesta fase, o processamento textual só se configura, segundo Kock (2004), em sua inter-relação com outros sujeitos, sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, as convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções socioculturais.

Bentes e Rezende (2008) discutem as ideias de Hanks ([1989]2008) sobre texto enquanto artefato linguístico e produto/processo sociocultural. Propondo conciliar a abordagem formalista com a sociológica, Hanks designa de texto “qualquer configuração de signos coerentemente interpretável por alguma comunidade de usuários” ([1989]2008: 119), de modo que a coerência é determinada pela adequação entre a forma do signo e um contexto mais amplo².

Vignoli (2007) argumenta que o texto passa a ser encarado enquanto processo, ação, interação. O pressuposto adotado é o de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem sociocognitivo-interacional. Segundo Bakhtin (1992), a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. Logo, o ato de escrever é, sem dúvida, um ato interativo.

Ainda para Vignoli (2007), a preocupação central da perspectiva textual-interativa, desse modo, é observar como a língua funciona em uso, sendo essencial que os dados linguísticos descritos sejam abordados dentro do contexto em que emergem. É preciso conceber a interação, então, como determinante para a produção

² Segundo Robert-Miller (2008), a distinção entre contexto e contexto mais amplo (*background*) é um tanto arbitrária, já que é uma questão de grau. Contexto é imediato e particular, muitas vezes é mencionado explicitamente, mas o contexto mais amplo e muitas vezes mais implícito envolve a organização textual. Assim, por exemplo, há cerca de um ano após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, esses fatos eram constantemente mencionados, e seus efeitos sobre a política externa americana eram evidentes e explícitos. Hoje, as pessoas já não falam sobre eles como antigamente, mas eles estão presentes em nossas mentes, eles mudaram de contexto para contexto mais amplo. Ou seja, trata-se dos conhecimentos arquivados na memória dos atores da interação para que estes possam compreender os textos e se compreenderem entre si.

textual, visto que o texto se constitui no uso, no processo de interlocução. O contexto de produção textual está imbricado no próprio texto.

Nesta percepção, as atividades linguísticas são atividades feitas com os outros, em um processo de interação e compartilhamento de conhecimentos, sendo, portanto, ações conjuntas. Para Vignoli (2007), essa interação mútua é uma relação de diálogo na medida em que cada sujeito que compõe o polo de comunicação tem a possibilidade de intervir, criar e modificar ações. Segundo Miller (2009), este fenômeno da interação com efeito de intervenção, criação e modificação em um texto pode ser presenciado pelo fenômeno da agência retórica.

3 Agência retórica: o poder da intervenção, criação e modificação da ação

O conceito de agência, superficialmente, parece ser um simples conceito de capacidade do indivíduo para agir, escolher ou decidir. Assim o conceituou Karlyn Kohrs Campbell, na conferência de 2003 da *Alliance of Rhetorical Societies* (ARS), considerando-o como “a capacidade de agir, isto é, ter a competência para falar ou escrever de uma forma que será reconhecida ou atendida por outras pessoas em nossa comunidade”. Embora enfatize a fala e a escrita como componentes fundamentais para a concepção de agência na teoria retórica, a noção de Campbell (2003) sobre agência pode ser entendida, também, em termos mais gerais. Ela sugere, na conferência em questão, que a própria natureza da ação retórica é promíscua e multiforme, porque pode referir-se à invenção, às estratégias de autoria, à identidade, à subjetividade, à instituição, às práticas e posições de sujeito, entre outros.

Dentre os estudos que abrangem agência, encontra-se o de Bourdieu (2000), que efetivamente conceitua agência como *habitus*. O *habitus*, segundo ele, é um conjunto de expectativas, suposições, habilidades e orientações, disposições para reagir e esquemas de percepção, que resultam de formas específicas da experiência social com as condições sociais particulares. Portanto, as ações das pessoas não são construídas livremente, mas elas são guiadas pelo *habitus* socialmente construído. Por exemplo, um jogo de futebol é uma ação, ou seja, é um *habitus* que exige algum tipo de estado mental concomitante, como intenção, presença do eu, racionalidade, um domínio do controle intencional ou da motivação, a responsabilidade e as expectativas de reconhecimento ou recompensa. *Habitus*, e essas forças opostas, a influência de nossas habilidades de falar, inventar, fazer, agir e resistir de uma forma que pode não

ser conscientemente reconhecida. Bourdieu sugere que a agência emerge dessas disposições no ato de equilibrar as forças opostas, como “possibilidades e impossibilidades, liberdades e necessidades, possibilidades e proibições” (BOURDIEU, 2000: 54).

Ahearh (2001) afirma que também Foucault (1988) propõe um modelo de agência em seu trabalho *Technologies of the shelf*, como uma questão de pluralidade, mobilidade e conflito. Para ele, a noção de agência de Foucault não é uma substância, mas uma relação, uma situação dinâmica, que produz não apenas limitações, mas também as possibilidades de ação.

Miller (2009), influenciada fortemente pela visão de Foucault amplia o entendimento sobre agência. No artigo, “O que a automação pode nos dizer sobre a agência”, Miller utiliza o conflito gerado pelo software de classificação automatizada como um trampolim para discutir a agência material/tecnológica *versus* a agência humana. Neste estudo, Miller descreve agência como uma entidade que se desenvolve através do ato de elocução, isto é, da comunicação. Em um sentido fortemente remanescente do *ethos*³ de Aristóteles, Miller (2009: 178) define a agência como “a propriedade de uma relação entre orador e audiência”.

Como uma metáfora para o desenvolvimento da agência, Miller usa a ideia de energia cinética da física. Compara a energia não como a energia de uma pedra parada no topo de um penhasco, mas como a energia que a pedra tem quando cai, a energia de movimento. O interesse não é no movimento de pedras, mas nas ações simbólicas dos perfomadores retóricos (p.189). Se a agência é uma energia potencial, ela vai ser pensada como uma posse ou propriedade de um agente, mas a agência é uma energia cinética, ela deve ser uma propriedade do evento retórico, desempenhando em si ou uma dinâmica que emerge entre todos nós.

Miller afirma que agência, portanto, é como um momento da situação ou do instante, um relacionamento que só surge quando o orador fala e não tem existência, antes ou após esse ato. Neste mesmo sentido, como afirma Bourdieu (2000), citado em Hanks (2008:42), “*habitus* foi concebido por disposições e esquemas incorporados, os quais não são seguidos ou obedecidos por regras, mas atualizados no discurso”. Assim, o orador ganha (direta ou indiretamente) aquela energia através dessa interação com seu público, dando luz ao agente. Para a autora, agentes não têm ou adquirem agência. Antes, é dito que a agência “possui” o agente (MILLER, 2009: 193).

³ O *ethos* é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório. O orador precisa ter plena consciência das expectativas do auditório para que a criação desse caráter seja eficaz.

Para começar a compreender agência Miller exige uma análise de como nós, retóricos ou grupos de retóricos, nos comportamos quando somos convidados a ler um texto em um evento público. Normalmente ficamos intimidados pela nossa audiência, não pelo que estamos fazendo, mas porque atribuímos à audiência capacidade de fazer algo (discordar, desaprovar – ou aprovar, apreciar, sentir empatia e aplaudir), como também incluindo a atribuição de agência a nós mesmos. Para Miller, este processo interativo da atribuição mútua em um texto gera a dinâmica retórica que pode ser considerada também como uma energia de sentido contrário, tanto pode nos puxar como nos empurra influenciando nossa produção e interpretação textual em condição impressa e, principalmente, tecnológica.

As atuais condições da tecnologia têm permitido a proliferação cada vez maior de aparatos, possibilidades de conexão e convergências, redes *on-line* e *off-line* cada vez mais interconectadas, pelos quais dispositivos móveis, *wi-fi*, aparatos de localização à distância, GPS, RFID e outros sistemas dialogam e possibilitam igualmente a mixagem de tecnologias analógicas e digitais inventado ou reinventado uma infinidade de textos. E neste contexto, podemos visualizar o que o avanço tecnológico reserva para o campo da Linguística Textual com os textos *spimes*. Mas, o que são textos *spimes*?

4 Textos *spimes*: um agente tecnológico ou humano?

Johnson-Eilola (2010), em seu mais recente ensaio, chamado “Among Texts - Entre Textos-”, (re)textualiza o estudo do escritor de ficção científica Bruce Sterling, por meio do seu livro *Sharping Thing* (2006), mostrando-nos uma linha evolutiva de quatro fases de textos: Artefato, Produto, *Gizmo* e *Spime*.

A primeira fase mostra como o homem, em seu trajeto tecnológico, passou da produção e utilização de artefatos, a dada altura na história – pelo final do império Mongol, segundo o autor –, para o uso de máquinas que substituíram os artefatos, transformando seus utilizadores em clientes. Johnson-Eilola (2010) cita que nesta época os textos eram Artefatos, objetos artesanais: inscrições nas paredes das cavernas, artes em cerâmicas, e manuscritos ilustrados, carta à mão (Fig. 1). Os textos artefactuais são isolados, estáticos, não se comunicam entre si, exceto pela intervenção humana, um aspecto que vai continuar por muitos estágios da evolução dos textos, intencionalmente feito ou produzido para um determinado fim, em uma situação específica. No entanto, ainda mantém um grande valor nos dias atuais, pois os textos, na sua maioria, ainda são artefatos. Nossa infraestrutura para os textos está evoluindo, mas ainda muito lentamente. A maioria dos

autores/leitores não se comunicam entre si. Não há uma interação interventiva total, afirma o autor.



Figura 1 – Carta à mão.

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

No entremeio da primeira e segunda fase da evolução, Johnson-Eilola discute que os textos começaram a ser usados mais amplamente. Sendo os mosteiros locais responsáveis pela escrita dos códex, cada um deles possuía seu próprio *scriptorium* (Fig. 2), onde os manuscritos, ou seja, os livros à mão eram copiados, decorados e encadernados. Nesta época, a organização hierárquica das instituições religiosas, com postos espalhados em lugares distantes, criou uma necessidade de clientes a pedido da multiplicação em massa de textos.



Figura 2 – *Scriptorium*.

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

E depois da Primeira Guerra Mundial, estes clientes são transformados em consumidores, quando as máquinas evoluem para “produtos”, através da distribuição, comercialização e fabrico anônimo e uniforme desenvolvido após a invenção do tipo móvel e reutilizável por Gutemberg. Nesta fase de evolução, temos livros impressos (Fig. 3) em grandes quantidades, que eram destinados principalmente a várias bibliotecas ao redor do mundo.



Figura 3 – Livros impressos.

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

Segundo Sterling, inicia em 1989 a terceira fase, quando apareceram os *Gizmos* (dispositivos/software/sistemas operacionais). Como esclarece Johnson-Eilola, o ritmo da mudança textual de produto para *gizmo* é muito mais rápido do que a passagem anterior do artefato para o produto. Como *gizmos*, os textos são altamente instáveis e modificáveis pelo usuário de formas que não são textos impressos e só existe em um aparelho tecnológico. Eles podem ser movimentados, recombinaados e transformado. Johnson-Eilola sugere o Tinderbox (Fig. 4) como exemplo. O Tinderbox ajuda a indexar automaticamente e classificar cada aspecto de um *site*. Controla a aparência das coisas e determina o que é publicado no momento, o que será realizado depois, o que permanece privado. Mas o usuário tem de pedir permissão ao servidor para fazer todas as modificações.

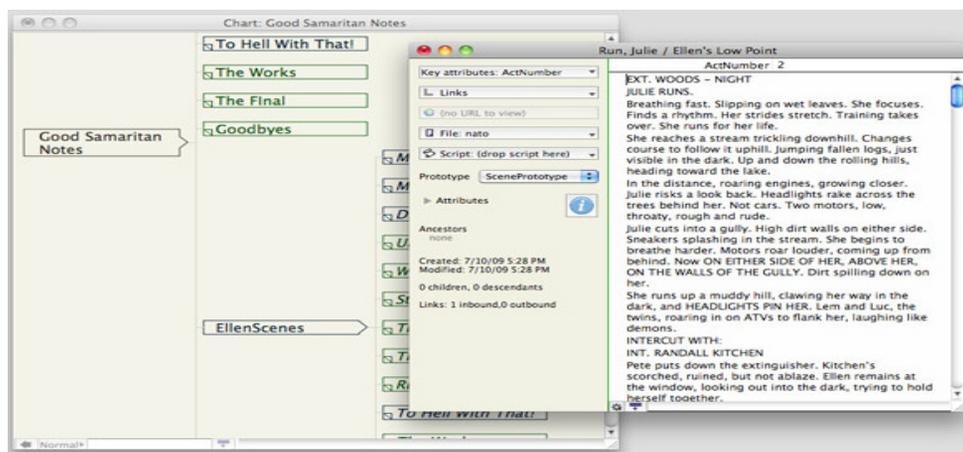


Figura 4 – Tinderbox.

Fonte: http://www.macworld.com/reviews/product/412582/review/tinderbox_501.html

Como bem apresenta Johnson-Eilola, esses três primeiros tipos de textos já apresentados – Artefato, Produto e *Gizmo* – têm uma noção de propriedade e unicidade do escritor-autor e do texto fisicamente ilhado, separado de seus leitores e isento de interação ou força agentiva.

A evolução seguinte seria o que Sterling define como *Spimes*. Tecnicamente, *spime* – um neologismo do autor. Na previsão de Sterling, o *spime* é maquinário interativo, novo, inventivo, objeto fabricado cujo suporte informativo ou dados armazenados são tantos e tão ricos que conformam a materialização de um sistema imaterial. *Spimes* começam e terminam como dados. São sustentáveis, aprimoráveis, com identidade única e feitos de substâncias que podem ser retornadas à cadeia de produção de outros futuros *spimes*. Como diz Sterling (p.24), “*spimes* são informação fundidas com sustentabilidade”. O *spime* incorpora dados da história do próprio texto (entre outras formas, pelo sistema rastreador RFID⁴). Eles são precisamente localizados no espaço e no tempo, têm uma história e identidade, e fazem a sua natureza transparente. Porém, o mais importante é que os *spimes* nos permitem fazer melhorias sobre a sustentabilidade através de um ciclo de vida rastreáveis, pois eles têm identidades e histórias completas. Nós sabemos onde eles acabam e o impacto que têm sobre o nosso mundo (GIBSON e CHROME, 2008, *apud* JOHNSON-EILOLA, 2010).

Exemplo deste tipo de tecnologia *spime* por Sterling (2006) inclui um tênis *spime* que, teoricamente, poderia rastrear as atividades simples como o andar de um

⁴ RFID é um acrônimo do nome *Radio-Frequency Identification* em inglês que, em português, significa Identificação por Rádio Frequência. Essas etiquetas são códigos de barras inteligentes, através dos quais os fabricantes saberão a localização de cada produto do momento em que é feito até quando for usado e colocado para reciclagem.

Os pesquisadores acreditam que as etiquetas inteligentes podem ser seus produtos de consumo favoritos em breve. Uma vez que os desafios técnicos sejam vencidos, o único obstáculo deve ser a reação do público a um sistema de rede que pode rastrear tudo (<http://pt.wikipedia.org/wiki/RFID>).

usuário, os padrões de impacto, os padrões de desgaste e outras atividades ao longo do tempo. O tênis *spime* terá um chip sem fio que poderá transmitir informações para computadores em rede, mapeando os dados recolhidos ao longo do tempo, tais como melhorias ou declínios na desempenho físico, as mudanças no terreno ou regime de exercícios, saúde e outros fatores. Além disso, este tênis poderá repassar informações que permitirão aos fabricantes recolher dados de uso que podem ajudar a redesenhar novos tênis, sugerindo aos usuários as mudanças nos padrões específicos de exercício, e assim por diante. Na Tabela 1, abaixo, transcrevemos o sumário dos pontos principais das quatro tecnologias textuais baseada nos estudos de Johnson-Eilola (2010).

Johnson-Eilola classifica várias tecnologias atuais, com característica de rastreamento automático no campo textual. Iremos, aqui, exemplificar apenas três delas. A primeira categoria são os livros comprados *online* no Amazon.com. Um livro listado neste *site* não se comporta como um livro comum em uma biblioteca de nossas universidades. Aqui, há uma interatividade com o comprador virtual. Em pouco tempo, podemos descobrir seu custo, editora e impressora, edições publicadas do autor, opiniões dos leitores sobre o livro, outros livros que os leitores compraram fazendo uma intertextualidade com assuntos parecidos. Podemos encontrar informações sobre a composição do papel, quanto tempo vai durar antes de amarelar, e que tipos de produtos pode se tornar quando o livro for reciclado. Sem falar que podemos até fazer *download* de capítulo e de citações. O autor também tem informações sobre o perfil dos compradores, a localização da compra e pode se comunicar diretamente com seus leitores.

A segunda categoria é o sistema de monitoramento dentro do contexto de ensino a distância. A maioria dos instrutores de cursos dessa modalidade tem acesso a uma extensa quantidade de informações sobre o que os alunos têm feito e lido, tais como: tempo gasto pelos estudantes navegando nas páginas específicas do curso, número de alunos que acessaram materiais, bem como tempo necessário para completar alguns tipos de atribuições, tipo de materiais acessados, número de exercícios realizados e notas atribuídas aos exercícios. Esse fornecimento de subsídios oriundos do registro das interações do aluno com o sistema permite reorientar a atuação do docente/discente com relação aos problemas de aprendizagem.

A terceira categoria inclui os rastreadores de usuários (Figs. 5 e 6) e estatísticas nas páginas blogweb (Fig. 7), que são bons exemplos de textos agentivos *spimes*.



Figuras 5 e 6 – Localizador de usuários online.

Fonte: [www.http://theinnovativeeducator.blogspot.com/2010/04/lesson-sci-using-cell-phones-to-prepare.html](http://theinnovativeeducator.blogspot.com/2010/04/lesson-sci-using-cell-phones-to-prepare.html)

Tabela 1 – Quatro tipos de tecnologia textual

Estágio	Características gerais	Exemplos	Em formato textual
Artefato	Produzido e utilizado à mão, como convenções locais / criado em hora específica, artesanalmente. Muito estático e de uso unitário.	Desenhos em caverna, cerâmica, outros objetos criados artesanalmente.	Manuscritos, pergaminho, cartas escritas à mão.
Produto	Produzido em massa, amplamente distribuído, muito estático e uso unitário, linha de montagem. Uso sistematizados (em educação formal e informal).	Automóveis, sapatos, aparelhos de TV.	Comércio de livros, livros, logotipos nas roupas.
Gizmo/software	Altamente instável, modificado pelo usuário, programável, requer muita aprendizagem e muito esforço para o uso.	Sistema operacional Linux (uma tecnologia que muda ao longo do tempo e é usada como tecnologia de aperfeiçoamento e treinamento).	Tinderbox, páginas WEB (até certo ponto), sistema de localização de livros na biblioteca De.li.ci.ous, Google Analítico.
Spime	Objeto que gera e recebe os dados sobre si mesmo e sobre seus ciclos de vida, uma computação ubíqua: computador desaparece nos objeto RFID (e extensões). <i>Spimes</i> têm histórias, podem ser perfeitamente controlados.	Tênis Nike com sensores RFID embutidos – habilitado em crachás. (Já é uma fase em desenvolvimento.) Textos tornam-se conjuntos de outros textos.	Texto de monitoramento de suas próprias leituras, feedback de como os textos estão sendo usados, comentários automáticos, leitores/autores em tempo real, texto conectado em servidor web.

Fonte: Johnson-Eilola (2010).

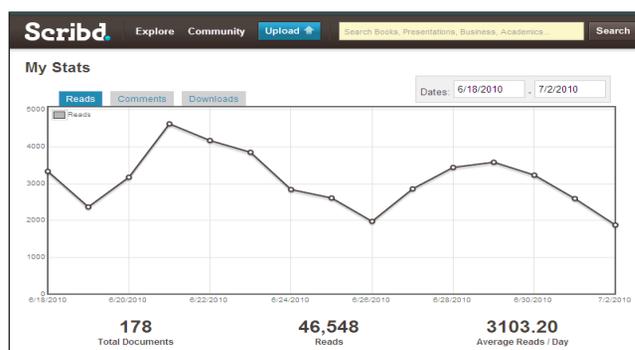


Figura 7 – Estatística diária de um blog.

Fonte: <http://www.scribd.com/stats>

Nessas imagens, podemos observar um rastreador de visitas localizado em um blog chamado *The innovative educator* e uma estatística de um *site*, acessados no dia 15 de julho de 2010. Nessas páginas destes *weblogs*, observamos que o autor/escritor do site tem várias informações da sua audiência, tais como: a quantidade de visitas diárias, o número de páginas que cada visitante acessa, quais as páginas mais acessadas, os textos mais lidos, a bandeira, o país, o estado e a cidade onde moram as pessoas que o visitam, como as pessoas chegam ao seu *site*, se é através de um mecanismo de busca, de *links* em outros sites, qual é o sistema operacional, o *browser*, o tamanho da tela e outras informações sobre as máquinas dos visitantes. Sem falar que existe uma caixa de mensagens diretas para o autor.

No entanto, todos estes fatores e informações sobre sua audiência podem trazer impacto na estrutura textual. Segundo Dionísio (2009: 72), “a ação da audiência não se restringe à de mero espectador. Na verdade, a audiência realiza diferentes ações na construção do texto”. Como, por exemplo, neste contexto do blog, a ação da audiência permite ao autor/escritor uma melhor performance textual no tópico que lhe recebe mais visitas, possibilita a criação de textos regionais, modifica a configuração dos textos “multimídias”, para que sejam melhor exibidos nos computadores de seu público e permite descobrir se a produção textual está surtindo efeitos.

Em vista disso, fica evidente que este processo interativo da atribuição mútua “puxa/empurra” (MILLER, 2010) entre o autor/escritor e sua audiência quase “invisível” é a manifestação da agência humana e tecnológica. Essas agências manifestam-se na capacidade de identificar, gerenciar, organizar e transformar recursos de comunicação. Elas exercem o controle sobre os outros através da utilização de energia e negociam com os outros através da interação dialética (RATNER, 2000).

Segundo Rose et al. (2003), as agências humana e tecnológica podem ser vistas como uma “Dialética da resistência e de acomodação”. Os seres humanos buscam

a forma de agência tecnológica para objetivos particulares de modo que esta não é inteiramente determinada pelas intenções ou vontades dos atores humanos ou pelas propriedades da tecnologia, mas pela interação dos dois. Assim, encontrando problemas (resistência) na utilização de uma tecnologia, os atores humanos ajustam (acomodam), reveem metas ou práticas, ou ajustam os parâmetros tecnológicos. Esse processo de interação entre a agência humana e a tecnológica não funciona no vácuo. Pelo contrário, ela ocorre dentro de condições de possibilidades, que pré-existem em caso particular de interação e que podem influenciar-se mutuamente.

Estas interações ficam mais explícitas quando observamos que os autores/leitores *spime* estão mais visíveis e transparentes, tornam-se mais explicitamente atuantes e presentes. Johnson-Eilola admite que tais leitores estão envolvidos em um ecossistema mais explícito da textualidade. As questões textuais se entrelaçam entre escritores, leitores, tecnologias, culturas e novas formas retóricas. Os leitores não apenas recebem o texto, mas, ao ler, transformam-no em um novo tipo de escritura. Têm possibilidade de interagir em tempo real com o próprio autor. Ainda para Johnson-Eilola, ler não é mais o consumo invisível do texto. Hoje, ler é um desempenho semipúblico. A leitura, mais do que nunca, se tornou um ato transmissível e performativo, ao invés de simplesmente privada e receptiva. Os textos, em movimento, reúnem textos em torno de si, reagindo aos seus ambientes de forma simples e complexa e fazendo interações com seus autores e leitores.

Assim, os textos *spimes* demonstram a importância dos objetos materiais na criação de relações sociais e dão à agência material/tecnológica uma certa vitalidade, mas sua capacidade comunicativa não tem vida autônoma, é pura reação à ação da agência humana. Como diz Xavier: “nenhuma tecnologia age autonomamente, não brota do nada sem a intervenção criativa, tácita e estratégica do homem que está inserido em um conglomerado social vivo e efervescente” (2009: 80).

5 Um breve arremate

As investigações sobre o ‘texto’ e seu conceito têm levado a inúmeras discussões nos meios acadêmicos, tornando-se um tema complexo e não consensual entre os especialistas da área. Como foi aqui apresentado, ‘texto’ já foi considerado por alguns teóricos como sequência de enunciados, artefato linguístico, cadeia pronominal, unidade de comunicação, comunicativo, interativo, conforme as concepções de língua adotadas.

Essa tarefa fica ainda mais complexa se levarmos em conta as novas tecnologias e as novas formas de interação textual que com elas surgem. Atualmente, é

preciso ampliar a concepção de ‘texto’ para dar conta de multiplicidade de linguagens e formas de interação que permeiam nosso cotidiano em razão da intensificação de semioses diversas, em que som, imagem, movimento e palavras se imbricam de forma integrativa nos diversos momentos de interação off e on-line.

E de forma interativa, buscamos apresentar neste ensaio os textos *spimes*. Em seu contexto de funcionalidade atual, homem e máquina podem ser compreendidos como seres agentivos. Ambos contêm marcas de agência no que tange à realização de ações que têm certas consequências transformativas. Certamente, tais agências realizadas pelo homem e pela máquina não devem ser entendidas como equivalentes. Agentes humanos têm finalidades, consciência, intencionalidade, o que as máquinas não têm, pelo menos ainda. Os dois tipos de agências, nos textos *spimes*, não são separados, mas interligados, e as suas consequências emergem claramente. Tais consequências são igualmente objeto de interpretações humanas que fornecem parte do contexto para ações futuras.

Para fechar as reflexões levantadas neste ensaio, devemos ressaltar que, embora ainda não esteja registrado de forma clara na literatura pertinente, observamos nitidamente que estamos vivenciando um quarto momento da Linguística Textual – a fase cognitivista, que vem se afluindo com rapidez, principalmente, com os textos digitais *spimes*.

Referências

- AHEARN, L.M. *Language and agency*. 2001. Disponível em: <<http://www.umass.edu/accele/llc/794d/pdf/Ahearn%20Language%20and%20Agency.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2010.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARNETT, R. S. *A space for agency: rhetorical agency, spatiality, and The production of relations in supermodernity*. 2005. Disponível em: <<http://www.lib.ncsu.edu/theses/available/etd-04102005-163354/unrestricted/etd.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2010.
- BITZER, L. *The rhetorical situation*. 1968. Disponível em: <<http://post.queensu.ca/~rosej/pols419/documents/bitzervatz.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2010.
- BENTES, A.C.; REZENDE, R.C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, I. (Org.). *[Re]discutir texto e gênero*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BENTES, A.C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.
- BOURDIEU, P. *Pascalian Meditations*. Cambridge: Polity Press. Tr. Port. Meditações pascalianas, Oeiras, Celta, tr. Miguel Serras Pereira, 1998.
- CAMPBELL, K.K. *Agency: promiscuous and protean*. 2003. Disponível em: <<http://www.rhetoricsociety.org/ARS/pdf/campbellonagency.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2010.
- DIONISIO, A.P. *A interação em narrativas conversacionais*. Recife: Bagaço. 2009.
- FÁVERO, L.L.; KOCH, I.G.V. *Linguística textual: introdução*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FOUCAULT, M. Technologies of the shelf. In: MARTIN, L.H.; GUTMAN H.; HUTTON, P.H. (Eds.). *Technologies of the shelf: a seminar with Michel Foucault*. Amherst, 1988.
- HANKS, W.F. Habitus. In: BENTES, A.C. et al. (Orgs.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez. p. 36-42, 2008.
- HANKS, W. Texto e textualidade. In: BENTES, A.C.; REZENDE, R.C.; MACHADO, M.A. (Orgs.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- HEINE, L.M.B. *Reflexões sobre o sujeito social e o sujeito ideológico*. 2008. Disponível em: <http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.21.2/Licia_Heine.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2011.
- JOHNSON-EILOLA, J. Among texts. In: SELBER, S.A. *Rhetorics and technologies: new directions in writing and comunicatiuon*. University of South Carolina, 2010. p. 33-55.
- LANGDON, E.J. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. *Revista Antropologia em Primeira Mão*, n. 94, 2007. Disponível em: <http://lhc.ucsd.edu/mca/Paper/00_01/agency.htm>. Acesso em: 15 jun. 2010.
- KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo; Contexto, 2006.
- KOCH, I.V. *Introdução à Linguística textual: trajetórias grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I.V. *Desvendado os segredos do texto*. São Paulo: Contexto, 2002.
- KOCH, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2000.
- MILLER, C. Foreword: rhetoric, technology, and the pushmi-pullyu . In: SELBER, S.A. *Rhetorics and technologies: new directions in writing and comunicatiuon*. University of South Carolina, 2010.
- MILLER, C. O que a automação pode nos dizer sobre a agência? In: DIONISIO, A.; HOFFNAGEL, J. (Orgs.). *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Universitária da UFPE, 2009. p. 177-197.
- MARCUSCHI, L.A. *Linguística de Texto: o que é e como se faz*. Recife, UFPE, 2009 [1983].
- MARCUSCHI, L.A. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. Introdução. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.
- RATNER, C. Agency and culture. *Journal for The Theory of Social Behavior*, v. 30, p. 413-434, 2000. Disponível em: <http://lhc.ucsd.edu/mca/Paper/00_01/agency.htm>. Acesso em: 10 jun. 2010.

ROBERT-MILLER, T. *Understanding Misunderstandings: How to do a rhetorical analysis*. Department of Rhetoric and Writing, The University of Texas at Austin Design. 2008. Disponível em: <<http://www.drw.utexas.edu/roberts-miller/handouts/rhetorical-analysis>>. Acesso em: 02 fev. 2011.

ROSA, J.; JONES, M. *The double dance of agency: a socio-theoretic account of how machines and humans interact*. 2005. Disponível em < <http://www.vits.org/konferenser/alois2004/html/6902.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2011.

VIGNOLI, J.C.S. *Os alunos não sabem escrever: a (des)organização tópica de redações escolares*. Dissertação de

(Mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto. 2007. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brp/33004153069P5/2007/vignoli_jcs_me_sjrp.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2011.

XAVIER, A. C. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

Recebido: 14 de agosto de 2011

Aprovado: 20 de outubro de 2011

Contato: giseldacostas@hotmail.com